

perdida a andrógina pureza da antiga Mary voadora; com umas coxas que seu último amor, tão casado, tão difícil de encontrar, diz que são veludosas.

Mary Batson, uma mulher, caminha descalça, agora, sobre o tapete verde da sala, em sua insônia pontiaguda, qual lâmina afiada. Anseia pela luz do dia, que a conduzirá de novo para a companhia dos outros, embora superficial e provisória. Shazam, Shazam, murmura, afinal, tomando coragem.

Mas nenhum rito mágico vara a escuridão para transformar a Mary Marvel — há apenas, como antes, o deserto da sua insônia, nenhuma folha ou flor a sua insônia, ausência de toda umidade, a sua insônia escura e seca.

A noite seguinte, no entanto, em companhia de um ex-caso sublimado em amena irmandade, a bebericar um Amaretto à mesa de um restaurante, terminado o jantar, em adiada comemoração de aniversário — ah, sente que alguma coisa emerge agora do seu íntimo, cita-se de improviso uma velada atmosférica, algo viscoso e doce como o licor se espalha por dentro dela, essa antiga e dolorida sensação de felicidade. Que não quer ver desfeita, portanto começa a falar interminavelmente, na esperança de assim prolongar a noite. Tudo é, afinal, tão sem importância, mas está impregnado, neste momento, de uma certa ternura e isso basta.

Quando, afinal, levanta-se para ir embora, revê num relance, com uma pontada de susto, a sua vida inteira. Ah, percebe, as coisas todas começam a se confundir, já não sabe direito quem é, chega enfim a uma etapa em que datas e episódios vão perdendo a nitidez, tudo se ramifica em mil versões diferentes. Recordar, de agora em diante — descobre — vai ser uma atividade labiríntica, mera enumeração de estados de espírito, ondas de emoções dispersas a se renovarem subitamente, em florescimentos de calcidoscópio, depois de três doses de uísque ou ao som de Miles Davis, agaiun.

"MAKTUB." O SOL DO DESERTO. Em plena península arábica. Um certo tom de pele humana. O que há de negro zênite na clareza absoluta. Coisas que imaginamos, mas nunca veremos. Miragens.

Ao lado de Abdullah, observo os minúsculos peixes fosforescentes no aquário do zoológico de Londres, com seus longos corredores escuros, em que as caixas de vidro emitem uma luz esverdeada.

— *I can't believe those fish exist* — digo. — *They aren't real.*  
— *Of course they are real* — replica Abdullah, que não se entrega a vãos de imaginação.

Peixes de formas bizarras, como jóias exóticas, caprichos talvez demasiado ostensivos de Deus. Peixes da Índia, da China e do Japão, de Java, Bornéu, Cingapura. E as enguias, e as tartarugas gigantes.

Mais tarde, a caminho da estação do metrô, Abdullah começa a entoar uma de suas habituais canções em árabe.

— *D'you know what it meant, this time?* — pergunta. E, sem esperar resposta: — *It means "I see in her eyes she loves me."*  
(*Só não descobriu o que ele lhe disse certa vez, em árabe, quase com raiva, numa cama de hotel, em Earl's Court.*)

Ah, se eu soubesse contar, contava sim. Falaria, primeiro, daquele hotelzinho em Earl's Court, em que observava de manhã, no refeitório, os hóspedes quase todos árabes.

Numa das mesas, um casal aparentemente egípcio, ele magro e gordo, com uns olhos escuros iguais aos que usava o Rei Farouk; ela, morena, bonita e jovem. Na mesa ao lado, um

E então torno a caminhar por este apartamentinho que adoro, Copacabana é o melhor lugar do mundo para se viver, tenho meu próprio espaço, sim, trabalho, ganho meu dinheiro, compro o que quero para mim, posso viajar, sou dona do meu nariz, metida em meu macio robe de seda verde, que me acaricia a pele, me observo agora ao espelho, sou bonita, ainda, me sirvo de mais um uísque, me estiro no sofá, não preciso atender aos caprichos de homem nenhum, fazer sexo por obrigação, ah, me sinto feliz à beça, estou feliz como diabo, a vida é muito engraçada e até que tenho aproveitado, caramba, revejo mentalmente a minha lista de homens, repasso a especialidade de cada um, aquele é bom de cama, o outro conversa melhor, um terceiro sabe lisonjear como ninguém, vou ao telefone e — como costume fazer, sempre que termino de falar com Pedro — disco para qualquer um deles e digo que venha, que venha imediatamente.

## REFLEXÕES SOBRE A (IN)EXISTÊNCIA DE PAI NOEL

SABE, DR. KLAUS, ACHO QUE O SENHOR já podia me dar alta da análise. Não acredito que ainda possa fazer alguma coisa por mim. Eu sou isso — meus conflitos, minha insatisfação, minhas carências afetivas, essa constante e dolorosa sensação de perda. Acima de tudo, minha solidão. São coisas que doem, mas que também aprecio, porque essas coisas sou eu.

Então, me dê alta. Faça como Miguel Ângelo — é, Miguel Ângelo mesmo, já li essa história em algum lugar —, dê a martelada final na perna do seu Moisés. Em vez de dizer *parla*, diga “anda, vai embora, segue teu caminho”. E deixe um pedaço inacabado da estátua, porque as coisas completamente terminadas e prontas são muito chatas, não?

“Quando Mary acordou, amanhecia e, através das cortinas, filtrava-se uma claridade azulada, diferente da luz amarela do abajur, que ela mantinha acesa a noite inteira, porque morava sozinha e tinha medo de escuridão.

“Dará tempo para uma corridinha na praia, antes de ir para o trabalho, pensou, olhando seu relógio de pulso sobre a mesinha-de-cabeceira. Marcava seis e meia e, embora sempre estivesse adiantado ou atrasado, suspeitou que, daquela vez, era a hora certa.

“Saiu da cama com calma, foi até o banheiro, espionou no espelho seu rosto meio inchado (cada manhã mais inchado, agora que fiz 40, pensou) e começou a escovar os dentes, dominada pelo leve desgosto familiar de todo começo de dia, com aquele gosto de mofo na boca.”

*Ah, pensa a escritora, é a velha história da mulher de 40 anos, divorciada e sem filhos, que se vê de repente com a vida em farrapos, insegura se é ainda capaz de atrair um homem. Faz análise e vai descobrindo toda a sua reprimida puerilidade. O assunto não tem nada de novo, mas me fala, e é isso que importa.*

*Sentada diante da máquina de escrever, olha outra vez, através da janela de seu pequeno apartamento, a muralha de pedra, a linha cerrada dos edifícios de Copacabana. E pensa que seria preciso mais tempo para elaborar seus escritos — que bom, se não tivesse de trabalhar em duas bibliotecas para sobreviver, sendo uma mulher sozinha.*

*Levanta-se, vai até a radiola, escolhe um disco — a Música Aquática, de Handel. Quer exatamente Handel, embora nada tenha a ver com a história que está escrevendo.*

Dr. Klaus, eu não quero me tornar uma pessoa adulta, sensata e razoável. Me deixe com a minha irracionalidade e minha tristeza mesmo. Quase todas as pessoas adultas que conhecemos são desagradáveis à beça, e o mundo está cheio delas. Sim, sei que estou mais esquisita hoje que de costume. É que entrei em parafuso no fim de semana passado, sabe? Não, não aconteceu nada de especial. Foi só uma repentina certeza de que Papai Noel não existe.

Uma descoberta terrível. Não sei se vou conseguir sobreviver a uma descoberta dessas, de que Papai Noel não existe. Depois de descobrir uma coisa assim, talvez só reste à pessoa virar uma alcoólatra, uma viciada em drogas. Sim, agora eu sei por que tanta gente dá para isso. É que ninguém suporta a descoberta de que Papai Noel não existe.

“Em seguida, Mary foi até a pequena cozinha de seu apartamento, tão escura que era preciso deixar a luz fluorescente acesa o dia inteiro. Esquentou um pouco de leite, misturou com

café e começou a beber, enquanto mastigava uns biscoitos. Depois, na sala, fumou o primeiro cigarro do dia, um dos grandes prazeres — que gostava de apreciar com calma — o seu cotidiano.

“Quando se levantou, sentiu uma pontada de desgosto ao lembrar, outra vez, que há meses não tinha um homem. Lera na véspera, num conto de revista feminina, esta frase que não conseguiu esquecer: ‘Existe uma última vez na vida em que se faz o amor’.”

“Pegou, no armário do quarto, seu maiô preto novo, de corpo inteiro. Andava com alguma vergonha de mostrar a barriga, algo flácida, e pretendia passar uma boa temporada correndo pela praia, antes de voltar a usar biquíni.

“Antes de sair, deu uma olhada pela sala, para ver se estava tudo em ordem. Notou que as plantas começavam a morrer, com a falta de sol. Felizmente, pensou, enquanto fechava a porta, seu analista já conseguira anestesiá-la o pior da dor. Agora, em vez de punhaladas, sentia só pontadinhas insignificantes, como a de um dente cariado, que a gente só percebe quando faz pressão com o maxilar.”

*Mordendo a ponta da caneta, a escritora pensa que outras características poderá dar a sua personagem, além de ter 40 anos, morar sozinha, estar deprimida e fazer análise. Talvez seja melhor deixar de lado a parte de suas carências infantis e entrar direto em sua vida amorosa. Transformar Mary, quem sabe, numa personagem parecida com aquelas mulheres de Tennessee Williams. Maduras, decadentes, querendo ser exageradamente mimadas, quando já é tarde demais. E arrastando atrás de si, já esfarrapada, a cauda de um Glorioso Passado Perdido. Como Blanche Dubois.*

*Na radiola, a Música Aquática desenba seus arabescos finais. Fica pensando se contará detalhes íntimos da vida amorosa de Mary. Dá sempre um certo sabor, enriquece o relato com gratações adicionais. Então lembra seus próprios casos amorosos mais*

recentes, histórias, aliás, bem decepcionantes. Agora, há meses está sem homem. Formula na cabeça o parágrafo seguinte da história, antes de voltar a bater à máquina:

*"Pensando em seus últimos e decepcionantes casos amorosos, histórias de mútua rejeição, Mary pegou uma toalha, calçou seu velho tamarco dourado de bico recortado, que usava porque sempre esquecia de comprar outro sapato para ir à praia, bateu a porta atrás de si e foi caminhando em direção ao Calçadão do Posto Cinco."*

Além do mais, Dr. Klaus, nenhum disco voador vai me pegar na rua, de repente e me levar para algum paraíso em outra galáxia. Não, não vai acontecer isso, absolutamente. Então, deixei de esperar. Ou talvez seja mesmo uma questão de idade, não estou esperando mais nada.

Sei que sou esquisita, mas ser esquisita é meu jeito de ser. E não acredito que a análise consiga me transformar. Na verdade, eu me sinto esquisita o tempo todo, minha vida inteira foi assim. Como já não sou mais nenhuma criança, então não tenho a esperança de que isto não continue assim. É quase certo que vou carregar a minha esquisitice até a morte.

Acho que ninguém vai me entender de verdade, por isso ninguém nunca vai gostar de mim de verdade. Meu pai não gostava de mim, minha mãe não gostava de mim e meu irmão não gostava de mim. Sou uma velha criança desajeitada, querendo só ser mimada, Dr. Klaus.

"Mary foi caminhando bem perto do mar, em ritmo quase de corrida. As ondas lhe lambiam os pés e ela se sentiu envolvida num Carrossel de Recordações — a infância na Cidade, viagens, crepúsculos de outono! Corre, Mary, corre, começou a ordenar a si mesma, arfando. Sim, era bonito, sim, era uma coisa quase religiosa, essa corrida pela praia, de manhã cedinho.

la colocar uma cena assim nas histórias que andava escrevendo, só para se divertir um pouco.

"E talvez falasse também de seus últimos casos amorosos, tão decepcionantes. Não se apaixonava mais por ninguém e estava achando todos os homens horríveis, menos o seu analisista. Ora, eles deviam pensar o mesmo a seu respeito, imaginou. Ah, ela era uma ex-deusa! Quando jovem, fazer sexo lhe parecia uma doação altaneira. Agora, pensou, com uma amargura algo masoquista, chegará o dia em que estarei disputando uma trepadinha 'O potencial de amor secou dentro de mim', diria a seu analisista.

"Correndo e arfando, pensa outra vez em sua personagem favorita das histórias em quadrinhos que lia quando era menina — Mary Marvel. Que era, na vida cotidiana, Mary Batson — mas bastava dizer Shazam para se transformar. Ficava invulnérvel e saía voando, era capaz de resolver qualquer problema.

"Shazam! Shazam! grita Mary, na praia deserta. Mas não acontece transformação nenhuma. Ora, pensa, para se consolar, talvez eu só queira isso mesmo, dar uma ou outra trepadinha."

*A Música Aquática silencia e a escritora, Maria, sai de sua mesa, vai até a radiola e coloca as Polonaises de Chopin. Há algum tempo, achava que gostar de Chopin era pouco original, devia preferir coisas mais sofisticadas — mas agora acabara com o pre-conceito.*

*Na verdade, ainda numa fase generalizada de falta de originalidade — está pensando em sua paixão pelo analisista. Tem de admitir que, como todo mundo, está apaixonada pelo analisista.*

*Uma mulher de 40 anos, solitária em seu apartamentinho em Copacabana, todas as plantas morrendo por falta de sol e apaixonada por seu analisista. É patético. Só falta comprar um gato,*

conclui, voltando para a máquina de escrever. Aliás, uma ótima idéia, um gatinho siamês.

São as limitações da realidade que me aborrecem, Dr. Klaus. Antes, eu vivia meigulhada em minhas fantasias, trancada em casa, meio louca, talvez. A análise me mostrou que as fantasias eram só fantasias. Agora, estou procurando olhar de frente o real, mas não me sinto nada animada. Quería que o senhor invertesse tudo, que devolvesse minhas fantasias, mostrasse que a realidade é mágica.

Mas, na verdade, não acredito que o senhor possa fazer nada por mim. O senhor já cumpriu seu papel, não tenho queixas. Sim, fez tudo que um analista, humanamente, poderia fazer por um paciente. Ora, e mais nada além disso, não foi? E a análise deixou tudo assim desmistificado, eu me desmistifiquei e desmistifiquei todo mundo.

Então, puxa, ficou tudo um deserto, nenhuma magia. Somos todos uns ex-mágicos, era o que o meu ex-marido costumava dizer, quando nosso relacionamento estava acabando.

“Mary começou a caminhar de volta para casa, aborrecida. De nada adiantaria, ela sabia, gritar Shazam. Atravessou a apinhada Avenida Copacabana e, quando chegou ao apartamento, foi logo tomar banho. Percebeu que o banheiro estava cheio de roupa suja e começou a pegar tudo, desgostosa. Tomou banho com delícia, acariciando-se, com vontade de se masturbar.”

*A escritora pára de bater à máquina e fica ouvindo o auge dos acordes da Heróica, a pensar que está querendo muito seu analista, aquele respeitável cidadão casado, com uma aliança de ouro que, uma vez ele mudou de dedo, mas só para acabar voltando*

para o anular mesmo, irremediavelmente. Alguém contou que ele é casado há 30 anos com a mesma mulher.

*O analista se chama Klaus Pereira e, em suas fantasias, pensa nele como queridinho, embora, nas sessões, continue a tratá-lo por “senhor”. Acha que ele é parecido com um ator de Ingmar Bergman — introvertido, sério, sensível, inteligente etc. etc.*

*Ah, ela queria mesmo era ser Mary Marvel, diria Shazam e tudo se resolveria. No mínimo, iria voando para a Índia, um de seus maiores desejos era ver o Taj Mahal.*

[Eu fui ferida, Dr. Klaus, fui ferida sem perdão. Agora, não sei o que fazer com toda essa carência, esse desajeitamento, essa necessidade de afeto e, ao mesmo tempo, essa incapacidade de gostar. Não sei manejar essas coisas e não acredito que o senhor possa fazer nada por mim. Na verdade, sei que o senhor nem sequer gosta de mim de verdade.]

Puxa vida, acho que só me resta cuidar de cães e gatos abandonados, abrir uma creche, adotar crianças desprotegidas, organizar chás de caridade.

[Não quero ficar adulta, as pessoas adultas que conheço são muito chatas. Então, prefiro continuar a preservar a criança dentro de mim. Não mexa mais comigo, deixe a estátua inacabada, sabe como é? Não tente mais me mudar, porque eu sou isso aí — minha carência afetiva, minha insatisfação, minhas inquietações.]

Sim, fui ferida e não sobrou muita coisa inteira, além dessa ferida. É difícil a gente suportar que o pai da gente não goste da gente, que a mãe da gente não goste da gente, que irmãos da gente não gostem da gente, que o marido da gente não goste da gente e a gente também não goste de nenhum deles. Ninguém vai gostar de mim, nunca, e eu também jamais vou gostar de ninguém. Na verdade, eu queria — ah, queria muito — que o senhor gostasse de mim. Mas não tem importância, deixe prá lá.]

“Mary foi à geladeira, pegou uma latinha de cerveja, despejou no copo. Cada dia bebia mais cervejinhas. E daí? Não era bom? Bebeu devagarinho e, antes de bater a porta e descer para ir à biblioteca em que trabalhava na parte da manhã, repassou o que, provavelmente, seria o seu dia. O trabalho sem maior significação, bate-papos tolos com uma ou outra colega, a volta para casa, a novela das oito, a máquina de escrever, o telefone, a radiola.”

*Pelo menos a Índia, pensa a escritora, desesperada. Faz questão de conhecer o oriente, pelo menos a Índia. Jura a si mesma que é seu último sonho — mas este ela realizará. Na pior das hipóteses, pensa, como quem se consola — e indo buscar outra cervejinha na geladeira —, se não der pé eu economizo por uns três meses e compro aquele belo livro da Skina com reproduções de arte indiana que vi ontem na livraria.*

Quanto lhe devo, Dr. Klaus? Quero pagar agora, vou fazer um cheque. Sei que minha hora ainda não terminou, mas quero sair agora. Sinto que preciso, de alguma maneira, curtir lá na rua, embaixo da chuva, esta emoção que estou sentindo. Sim, a minha dor — mas estou descobrindo que, também, o meu alívio —, com certeza de que, ahn, é tudo assim mesmo. Porque afinal, sem a menor sombra de dúvida, Papai Noel não existe mesmo.

CHEGOU NO MEIO DA TARDE E O AEROPORTO, cheio de vento, estava banhado por aquela mesma luz que, antigamente, dava à Cidade sua calidez de fruta muito madura e aberta. E tanta alegria e sensualidade no ar, tão rápido reencontradas, fizeram o homem rir sozinho, quase embaraçado, enquanto caminhava em direção ao setor de entrega da bagagem, uma silhueta alta e magra, algo sombria contra a claridade.

No táxi, seguindo pela avenida à beira-mar — ah, ele se sentia tão contente! Talvez o sentido mais profundo de sua vida fosse precisamente aquele, distanciar-se para poder, um dia, voltar. Como se tivesse esquecido ali, há muitos anos, uma peça vital de seu mecanismo interior. Estivesse então em qualquer parte do mundo, à Cidade permaneceria ligado pelo pequeno elo perdido/escondido. Ou, talvez, já destruído e entranhado naquele cenário, do qual então necessitava.

Mais adiante, ao olhar para as ondas se quebrando na areia, uma após a outra, através dos séculos, lembrou de repente que estar na Cidade tinha algo de excessivo, era quase provar da eternidade. Fazia pensar na Grécia — tornou a sorrir, perplexo — um lugar suficientemente belo para se encenarem tragédias ao ar livre. Com um leve abalo, sentiu que talvez fosse um tanto solene demais retornar.

Quando tirou a carteira de identidade, para apresentar na portaria do hotel, bem poderia ter sido um passaporte, mais parecia estrangeiro. Não viria dos balcãs? Pois tinha uma vaga cara de eslavos, ou cigano. Ou seria norueguês?

No quarto, reencontrou com inesperado alívio a mesma atmosfera de espaço confinado e penumbra de seu pequeno apar-

Sonia Coutinho

MIL OLHOS  
DE UMA ROSA

**7** LETRAS **]**

## JOIE DE VIVRE

DEPOIS DE UM PERÍODO RUIM, NADA COMO FESTA. Muita festa. É o que penso, ainda na cama, ao acordar esta manhã. Ah, basta de depressão, abandono de mim mesma, casa suja! Há quanto tempo não compro uma roupa nova? E não recebo amigos para um bate-papo, como antigamente fazia, pelo menos uma vez por mês?

Mas vieram tempos de profundo baixo-astral. Foi depois da morte de mamãe. A depressão veio e se instalou. E, até hoje, não dava nenhum sinal de melhora.

Começou dois anos atrás, ou foi há 20? A morte de mamãe, constato, ainda deitada, é intemporal. Como se tivesse acontecido, ao mesmo tempo, faz séculos e agora mesmo.

Percebo que, por alguns anos, fiquei parada no tempo. Ao acordar, esta manhã, é como se eu não soubesse sequer minha idade. Tenho trinta, 40 ou 50?

De uma coisa ainda me lembro: da minha condição de solteirona definitiva, morando assim sozinha há muito tempo. E trabalhando fora, num emprego mal pago, mas felizmente lidando com uma coisa de que gosto, ecologia.

Sendo o apartamento meu, com o pouco que ganho vou levando.

Olho meu corpo, estirado na cama. Sim, sou eu mesma, está tudo no lugar. Só que a tristeza, com a qual me habituei, a ponto de achar que nunca iria embora, por algum motivo sumiu.

Por isso mesmo, minha primeira idéia, ao acordar, foi a de fazer uma festa. Por que não chamar um grupo de amigos, mesmo os já distantes, para o sábado seguinte? Pouca gente, papo inteligente, vinho branco, algumas doses de uísque, coisas para beliscar. Antigamente funcionava, por que não funcionaria agora?

Alguns anos atrás, reuniões desse tipo eram um ritual sagrado para mim, e papo inteligente uma das Duas ou Três Coisas em que Eu Acreditava na Vida. Sempre havia disponível um suprimento de Amigos-Cabeça. E uma ou duas amigas, também.

Eu podia ir atrás deles, agora, de alguma forma. E recomendar, mesmo anos depois. Pulo da cama cheia de ânimo. Mas, quando acabo de escovar os dentes, me vem de repente, como costuma acontecer comigo, um estado de espírito contrário.

E penso que festas assim estão fora de moda. Parece que ninguém mais curte conversar sem rumo. Encontro nesse meu Projeto Festa um inesperado sabor Anos 70. Quando, interminavelmente, discutíamos política em voz baixa, com medo que algum vizinho escutasse.

Mas, ora essa, claro que vale a pena apostar na nostalgia. E providenciar a festa.

Como primeiro passo, antes mesmo de fazer meu café da manhã, dou uma volta pelo apartamento, examinando tudo. Mas há quanto tempo não é feita uma faxina de verdade aqui? Que horror! Quanta sujeira! E esse eterno monte de pratos por lavar, na pia da cozinha!

Vou mudar já esse quadro. E pessoalmente. Se minha faxineira está com catarata e não enxerga nada, por que esperar?

Dou uma olhada no relógio: apenas dez horas da manhã de um domingo sem nada para fazer.

Primeiro a limpeza e depois, calmamente, ao longo da semana inteira, prepararei tudo. Antes de mais nada, é preciso pensar num cardápio. Claro que simplificado, mas tem de haver algo bem gostoso para comer. Quem sabe um picadinho caprichado, como prato forte.

Quanto aos convites, posso começar a telefonar a partir de amanhã. Na verdade, não penso em mais do que umas cinco ou seis pessoas. É o número que dá para acomodar sem sacrifícios nos assentos da minha sala.

Vou afinal à cozinha e tomo meu café, acompanhado apenas por algumas bolachas secas. Claro que preciso emagrecer uns quilinhos: andava esquecida disso.

Pouco depois, munida de aspirador de pó, flanela, esponja, começo a faxina pelo quarto que chamo de "meu gabinete". O primeiro susto é encontrar na estante um livro devorado pelos cupins.

E, investigando em torno, verifico que as tábuas da estante estão cheias de furinhos, do quais sai um pó granuloso e se deposita em montículos onde cai.

Deve haver outros livros comidos, mas prefiro não examinar mais nada. Farei apenas uma limpeza superficial na estante, deixando o problema do cupim para ser resolvido mais adiante.

Sigo para meu quarto. Quanta poeira! Passo a esponja úmida, a flanela. Dentro do armário, roupas inúteis, não usadas há anos. E lençóis e toalhas rasgados, que horror! Separo as peças deterioradas, ponho dentro de um saco de lixo.

Há mais: o tempo fez buracos no colchão, dos quais se desprende um estranho pó. Como deixei as coisas chegarem a esse ponto? O apartamento me causa, de repente, uma sensação de

estranheza. Em minha cabeça, tinha dele uma imagem, agora é substituída por outra inteiramente diferente.

Meu eterno apartamento de dois quartos, onde moro há vinte anos. Eu continuava a acreditar que era novo, tal a impressão de novidade que ele me deu, no início. Neste momento, sinto um imenso enjôo dele, como alguém enjoaria da mesma comida servida todo dia, ao longo de uma vida.

Na cozinha, o compensado dos armários, outrora *moderninhos*, está deteriorado, as portas não fecham direito. E, no banheiro, para onde me desloco em seguida, o plástico da tampa da privada descascou. Por associação de idéias, sinto um repentino pânico de me ver no espelho. Desvio a vista, vou adiante, passo a esponja nos azulejos escurecidos do box do chuveiro.

Lembro as circunstâncias da compra deste apartamento. Mais jovem, com um emprego melhor, fiz sem medo um financiamento. Acostumada a agir sozinha, enfrentar situações. Nunca tive vocação para o casamento e, assim, sempre fui obrigada a me safar.

Achei este apartamento pequeno, mas tão novo e bonito, primeira locação, com uma boa vista. Eu era uma Jovem Madura, 30 e tantos anos, já Sabendo das Coisas, mas ainda me sentindo Com Direito a Tudo. Até esta manhã, para mim, o apartamento continuava novo, o meu rosto o mesmo.

Apenas de passagem registrei a derrubada da mata em frente, as novas construções que cortaram a vista, o trânsito cada vez mais engarrafado e barulhento na rua, lá embaixo.

Quase todos os proprietários iniciais se mudaram, vendendo ou alugando seus apartamentos. Tudo passou em torno, tudo mudou — e eu sozinha e distraída.

Depois da morte de mamãe, as festas não aconteceram nunca mais. Lembro uma conversa com um amigo, não faz tanto tempo assim. A certa altura, eu disse:

— Mando consertar tudo e abro a porta, afinal. Quem sabe as pessoas tornam a entrar.

E o amigo:

— Isso é bom.

Mas com toda a descrença do mundo. Mesmo com o apertamento deteriorado, porém, se estiver limpo, por que não contá-lo?

Lembro um detalhe: o uísque. Sim, o bom escocês, indispensável. Vou até o armário da cozinha, dou uma olhada no canto onde guardava as bebidas: não há nada. Nem uma só garrafa. No mínimo, é preciso um Curly Sark, como antigamente. Mesmo com o dinheiro curto, a ocasião exige. Afinal, não estou triste, hoje. Há que comemorar.

Decido ligar para meu antigo fornecedor de uísque, Peter. Sempre gostei dele. E a idéia de comprar uísque depois de tanto tempo é tão agradável que largo tudo e vou para o telefone.

Localizo o número num caderno de telefones que descubro também esfarrapado. E, antes de ligar, fico um minuto sentada na cadeira de balanço lembrando Peter.

Um sujeito muito branco, com olheiras em torno de uns olhos puxados, misteriosos, que só depois descobri: vinham de sua mãe chinesa. Mãe e filho moravam sozinhos num prédio antigo no Jardim de Alá, perto da praia.

Antes de qualquer reunião que eu projetasse alegre, *spicy*, havia o inevitável telefonema pedindo uma garrafa de uísque. Que Peter vendia muito barato mesmo. Fazendo questão de dizer que o preço era especial para mim.

Uma vez, voltando de uma viagem internacional, encontrei-o de madrugada no aeroporto, esperando com certeza por alguma carga nova de uísque. Estava com a mãe, a quem me apresentou. Apesar do ar autenticamente oriental, ela tinha um nome ocidental, Mira. Devia ser algum tipo de adaptação.

Quem atende agora ao telefone é ela. E, quando pergunto por Peter, me conta, com uma voz curiosamente isenta, que seu filho morreu. Mas, quantos anos tinha ele, pergunto, chocada. Quarenta e cinco, responde ela, com a mesma neutralidade.

E há quanto tempo morreu? Três anos, a resposta ainda impassível. Meu Deus, devia fazer no mínimo cinco anos que eu não procurava Peter. E, à minha pergunta quanto ao motivo da morte, ela diz que foi um ataque do coração.

Quem vendia o úsque agora era ela própria, declarou D. Mira, algo bruscamente. Não me restava senão perguntar se tinha Cutty Sark e, diante de sua resposta afirmativa, eu disse que passaria mais tarde para pegar uma garrafa.

Mas, naquele momento mesmo, senti que minha voz estava sem convicção. Percebi que a festa estava condenada, não ia sair. Os deuses não colaboravam para meu bom humor. O consolo, naquele momento, foi lembrar a ingratidão dos antigos frequentadores, que sumiram sem um telefonema sequer de despedida.

Mas meu bom humor ainda não desapareceu de todo. Vou dar um tempo, até decidir o que fazer. Pego um CD em que Chet Baker toca *My Funny Valentine* e ponho no aparelho de som.

É triste, mas também alegre. O espírito do jazz. Para mim, a vida inteira, jazz tem sido sempre um remédio infalível. Cura tudo.

Quero levar além a minha cura. Vou agora até a estante e pego um livro com reproduções de Matisse. Tinha quase esquecido que Matisse é tão bom. A maneira como ele desenha, soltando o traço!

Puro gozo do olhar: rostos e corpos simplificados, em favor da conexão das linhas com as cores, que são fortes, alegres. Sentido do ornamental, prazeroso.

Demoro um pouco mais nas páginas com reproduções dos chamados *pochoirs*, ou as colagens que ele fez quando estava muito doente e não podia mais pintar. Mais do que tudo, porém, me alegro ao reencontrar um quadro, *La joie de vivre*, em que Matisse joga seres humanos nus entre árvores, numa paisagem de sonho.

Meu olhar se torna cada vez mais intenso. E, de repente, estou cercada de neblina. Meu corpo é projetado em direção ao quadro. Mais próxima, sua superfície se revela um espelho. Atravesso-o, como se fosse água seca. Passo para o outro lado. Estou agora entre figuras de homens e mulheres nus, dispostos sobre o gramado.

Mais atrás, vejo outras figuras de mãos dadas, formando uma roda que gira. Um casal se beija. Perto, outras figuras tocam flauta. O som é o de Chet Baker.

A cor predominante em todo o ambiente é o amarelo, que me cerca, mas também há áreas alaranjadas e vermelhas. Os corpos têm um tom entre rosa e amarelado e as árvores e o gramado são verdes, como os verdadeiros.

Olhando para mim mesma, descubro que também estou nua. Meu corpo é arredondado e sem detalhes, marcado apenas por uma linha, musical em suas ondulações, como o som da flauta.

Atrás de um tronco, adiante, pequenas cabras atravessam a área alaranjada. Já as árvores, submetidas a um vento imóvel, estão inclinadas. Há uma doçura sensual em tudo.

Paro um instante, agora, tentando ouvir melhor o som da flauta, que se distancia. Fico parada, em êxtase, ouvindo a flauta distante.